

# ALCIBÍADES REDIVIVO: INTERPRETAÇÃO E RETRATO

Eunice Terezinha Piazza Gai  
(UNISC)

## RESUMO

O texto apresenta uma interpretação do conto “Uma visita de Alcibiades”, de Machado de Assis. Considerando que a biografia de Alcibiades, elaborada por Plutarco, é a fonte de inspiração para o autor brasileiro, busca estabelecer as relações entre os textos e a visão do mundo que apresentam. Os dois autores são classificados como retratistas no contexto da cultura ocidental, por isso, o estudo contempla alguns aspectos relevantes que caracterizam essa atividade. Procura mostrar que o conto constitui um interessante retrato do grego Alcibiades e é representativo de uma das grandes tendências da estética machadiana que é o estudo de caracteres. Constata outrossim que o texto de Machado constitui uma interpretação daquele de Plutarco que, por sua vez, também é uma interpretação. E o tema central de ambos os retratos é a sedução exercida pela personagem, tendo em vista as diferentes implicações que semelhante caráter possui do ponto de vista ético.

PALAVRAS-CHAVE: interpretação – retrato – estética

O conto “Uma visita de Alcibiades”, de Machado de Assis, apresenta como subtítulo: “Carta do desembargador X... ao chefe de polícia da corte”. Possui o formato e o desenvolvimento de uma carta, que inicia com a data, 20 de setembro de 1875, relata a ocorrência de um acontecimento fantástico e faz um pedido final ao destinatário para que providencie o transporte de um cadáver, nada mais do que Alcibiades, o grego ilustre, que havia reencarnado um pouco antes. O

motivo de seu segundo passamento teria sido o choque sofrido por ele ao tentar compreender o século em que desembarcara, através das roupas usuais de um senhor bem situado socialmente, o próprio narrador do conto, quando se vestia para ir a um baile. Usava terno, chapéu, colete, canudos pretos ou calças; apenas três botões, que Alcibiades designou de estrelas, quebravam a monotonia do melancólico preto.

Eis o resumo de “Uma visita de Alcibiades”, conto que apresenta as principais características da estética machadiana: enigmático, irônico, sutil, relativista. Faz parte da coletânea *Papéis avulsos*, publicada em 1882, mas todos os contos já haviam sido publicados anteriormente, de novembro de 1875 a outubro de 1882. Alguns sofreram modificações e este de que aqui tratamos, segundo nota do autor, (ASSIS, 1989, p. 185) foi reformulado totalmente, não tendo ele aproveitado mais do que a idéia. Tinha sido publicado com pseudônimo e passara despercebido.

Os textos machadianos são sempre enigmáticos, porque são construídos a partir da perspectiva da ironia, em que o sentido nunca está explícito, ao contrário, reside sempre em outro lugar. Esse dado confere à obra de Machado um incontestável caráter de atualidade, mas também se torna motivo de dificuldade para grande parte dos intérpretes que gostaria de encontrar nela alguma verdade, ou alguma forma de afirmação. Reclamam alguns de seu pessimismo, de sua falta de emoções, da melancolia que infunde, da sua perene atitude negativa. Mostram outros que é possível encontrar em sua obra um certo contorno político, uma preocupação com o social. Há ainda quem o acuse de não ter tomado partido em relação a certos fatos históricos importantes, como a República, Canudos, etc. Todos esses percursos crítico-interpretativos podem ser conferidos em diferentes obras que contêm estudos sobre o autor, entre as quais pode-se citar *Machado de Assis*, uma revisão (1998), ou *Machado de Assis* (1982), por constituírem compêndios mais ou menos amplos do que tem sido pensado acerca do autor.

Mas o propósito desse estudo está relacionado à busca de um sentido para o conto acima apresentado e, tendo em vista o contexto histórico-crítico assinalado, propõe em primeiro lugar, alguns questionamentos. De que modo aproximar-se, hoje, de um autor como Machado de Assis que, seguindo o destino dos clássicos, apresenta uma considerável fortuna crítica? Haveria uma forma genuína de fazê-lo?

Seria possível encontrar ainda uma certa novidade, uma outra possibilidade de interpretação para essas obras já tão lidas?

Luigi Pareyson, em *Os problemas da estética* (2001), traz à tona o problema das múltiplas interpretações e das interpretações que, de certo modo, cristalizam a obra de determinados autores. Pareyson observa que a obra fala a quem sabe interrogá-la melhor e a quem se põe na condição de saber escutar a sua voz. Ela espera ser interrogada de certo modo para responder revelando-se (PAREYSON, 2001, p. 235). E ainda: “cada vez que se relê uma obra, o processo de interpretação que se mantinha fechado reabre-se, e tudo é recolocado em questão; mesmo aquilo que se conservou da primeira interpretação, é profundamente mudado, acolhido num novo contexto e integrado por novas descobertas” (PAREYSON, 2001, p. 224).

Assim, tendo em mente que a obra de arte pode abrir-se para novos contextos e descobertas e com a perspectiva de que é preciso sempre aparar arestas e podar as imensas frondes das idéias cristalizadas em torno das leituras já realizadas a respeito da obra de Machado de Assis, propõe-se aqui uma aproximação com o universo do autor, a partir da interpretação do conto “Uma visita de Alcibiades”. Inicialmente, com foco no contexto fabular, julga-se conveniente propor a seguinte questão: por que a escolha de Alcibiades, na condição de redivivo?

Como o conto se apresenta na forma de carta, o narrador é o próprio missivista, um desembargador, amigo do chefe de polícia, cuja vida pacata e sem sobressaltos vai escorrendo, supostamente, entre o trabalho, o cassino, as refeições e as leituras de textos históricos, referentes aos antigos, especialmente os gregos. Plutarco é a fonte onde bebe a possibilidade de exilar-se do cotidiano e viver outras realidades. A trama do conto parece um tanto enigmática pois, como poderia um grego morto vinte séculos atrás aparecer em pessoa? Mesmo apelando para o subterfúgio do espiritismo, uma religião cuja doutrina contempla essa possibilidade, a questão não se esclarece, pois Alcibiades surge inteiro e vivo. Que sentido estaria sendo encoberto por essa escolha? O que Machado queria dizer?

O conto apresenta a realidade configurada pelo século XIX, gira em torno das condições de existência do narrador, mas também enfoca a realidade grega constituída pela narrativa de Plutarco. Pode-se considerar que Machado elabora uma interpretação da personagem, re-

construindo-a, recriando-a como um ser ficcional, com base no texto antigo. Isto é, a personagem criada por Machado é uma interpretação daquela de Plutarco que, por sua vez, é também uma interpretação.

O estudo e fixação de caracteres é uma atividade muito importante no conjunto da ficção machadiana, onde se encontra uma imensa galeria de personagens, de retratos; quase um mundo pode ser ali vislumbrado.

A construção de retratos é uma prática muito freqüente na tradição cultural do ocidente. Os chamados moralistas valem-se delas para apontar os defeitos e os vícios das sociedades que retratam. Raymundo Faoro, que considera Machado de Assis um moralista, em *A pirâmide e o Trapézio* (1988), define a categoria do seguinte modo: “O moralista quer surpreender, através da máscara que ri, a face ambiciosa, o rosto contraído de cobiça, o gesto medroso. Ele sabe que os sentimentos, os impulsos, as virtudes e os vícios, todos ingredientes que movem o boneco, se disfarçam e se transmutam. Há muitas leis que governam o subterrâneo.” (p. 376).

A preocupação do retratista, ou moralista, como também é designado, é com as ações humanas e suas motivações internas. A construção do retrato, no âmbito literário, fixa personagens, épocas, lugares, mas não o faz de modo aleatório, pois o retratista precisa selecionar os elementos para compô-los. Também, constata-se que o retrato revela a análise e reflexão empreendidas pelo retratista em relação a determinado tema, razão pela qual ele está presente no que é retratado. Esse aspecto é importante se for considerado o perfil da personagem título do conto, pois tanto Plutarco como Machado voltam-se especialmente para o caráter sedutor de Alcibiades, embora com algumas pequenas diferenças de enfoque entre ambos que serão analisadas mais adiante.

Pode-se citar Teofrasto, Plutarco, Sainte-Beuve, La Rochefoucault, Pascal, La Bruyère, Saint-Simon, Cioran, entre os mais importantes autores de retratos. La Bruyère considera o retrato como uma “ciência que descreve os costumes, examina os homens e desenvolve seus caracteres” (LA BRUYÈRE, 1967, p. 27).

Teofrasto, discípulo de Aristóteles e continuador da sua doutrina, observa os costumes, os comportamentos e os caracteres dos homens de seu tempo, retratando paixões e tipos, tais como: o avarento, a avareza, a rusticidade, a complacência, o fofoqueiro, a impudência, a des-

confiança, a estupidez, a brutalidade, a superstição. Os diversos tipos conformam as diversas paixões.

Cioran, um autor do século XX, possui um livro intitulado *Antologia do retrato*, em que reúne os retratistas mais famosos numa espécie de galeria; e outro, *Exercícios de admiração*, é composto de perfis, onde traça os principais caracteres de diversos autores com os quais conviveu. Alguns retratos decorrem apenas da leitura das obras, o que configura uma interpretação, semelhante à de Machado a respeito de Alcibiades.

Poder-se-iam desenvolver muitos outros aspectos de caráter geral a respeito da constituição do retrato na tradição ocidental, mas é necessário voltar a atenção para os dois retratistas de Alcibiades: Plutarco e Machado de Assis.

Plutarco viveu entre 66 e 120 depois de Cristo, uma figura da Antigüidade muito atraente e erudita, foi digna de culto da parte de Montaigne, de Rousseau, de Machado de Assis. Escreveu a biografia dos homens ilustres da Antigüidade e obras morais. Sua visão do mundo tinha como base o platonismo e o estoicismo.

Um dos retratados de Plutarco é Alcibiades, personagem que outro retratista, no século XIX, Machado de Assis, vai recompor. Para entender o ponto de vista a partir do qual Plutarco considera a vida de Alcibiades, é necessário ter em vista alguns elementos éticos e de caráter que aparecem em suas *Obras morais* e são objeto de profunda reflexão. Um desses textos intitula-se *Da maneira de distinguir o bajulador do amigo*, onde o tema do amor próprio surge como essencial. A bajulação é o contraponto para o amor-próprio. Um é condição de existência da outra. A bajulação é uma ilusão de amizade, é aparência. O bajulador ofusca a vista, com a produção de um mundo e de um imaginário feito de miragens, em que oculta fatos, fala pela boca de outros, tem os olhos fixos no prestígio e ama o processo de louvação. Seu principal comportamento consiste em acomodar-se. Alcibiades é o príncipe dos adutores, para Plutarco. Apresenta-o como um guerreiro audaz e corajoso, em momentos diferentes de sua vida: elegante e efeminado, em seu período de estada em Atenas; raspando a cabeça e comendo como os espartanos, quando viveu em Esparta. Vivia camaleonicamente e sempre em torno dos poderosos. Caíndo em desgraça aqui, recuperava-se logo ali, às vezes, por intermédio de tramas e subterfúgios questionáveis em termos éticos ou morais.

Machado de Assis capta essa característica de Alcibiades, que vem manifestar-se na sua constituição como personagem do conto. Não afirma, todavia, que ele é um bajulador, mas que possui algumas características pessoais agradáveis, sedutoras, capazes de impressionar e convencer. Eis como é apresentado pelo narrador: “Era o próprio Alcibiades, carne e osso, vero homem, grego autêntico, trajado à antiga, cheio daquela gentileza e desgarre com que usava arengar às grandes assembléias de Atenas, e também, um pouco, aos seus pataus” (ASSIS, 1989, p. 164).

Nesse conto, o autor elabora um estudo de caracteres não a partir da observação da realidade, mas a partir da reflexão e da utilização de vários processos interpretativos. Há alguns aspectos da personalidade do grego, presentes na elaboração de Plutarco, que são absorvidos e reaproveitados por Machado. Em certo sentido, Machado parece ler e depois construir a vida de Alcibiades com Plutarco. Mas há também o acento machadiano que pode ser identificado a partir da seleção de elementos que ele faz da biografia antiga e do tom acentuadamente irônico com que a apresenta. É interessante observar que o narrador informa que vivenciou a personagem na imaginação, antes da ocorrência do fato extraordinário: “Deixei-me ir ao sabor da loqüela ática; daí a nada entrava nos jogos olímpicos, admirava o mais guapo dos atenienses, guiando magnificamente o carro, com a mesma firmeza e donaire com que sabia reger as batalhas, os cidadãos e os próprios sentidos. Imagine V. Ex<sup>a</sup> se vivi!” (ASSIS, 1989, p. 163).

Percebe-se, já, como será o perfil que a personagem assumirá dentro da narrativa: senhor de si, guerreiro; e guapo, isto é, valente, corajoso, bonito, airoso, esbelto, elegante, segundo o dicionário.

A seguir aparecem no conto outros elementos textuais que indicam a sua relação com a vida de Alcibiades, narrada em *Vidas dos homens ilustres*, de Plutarco. Nesta obra, o autor realiza uma comparação entre os homens ilustres que retrata, e faz isso aos pares. No caso de Alcibiades, seu par é Márcio Coriolano, um romano da era de 488 a. C. Procede do seguinte modo: primeiro apresenta a biografia de Alcibiades, depois a de Márcio Coriolano e, por fim, faz uma comparação entre ambas, lugar em que também emite alguns julgamentos ou distinções de profundo teor psicológico, mais do que moralista.

Inicialmente, o narrador do conto machadiano faz um elogio à ficção, ao remeter o leitor aos sofisticados prazeres que ela propicia

quando produz esses efeitos de alheamento ou viagem imaginária. O tom irônico dirige-se à realidade factual, seja o circo Chiarini, a guerra dos carlistas ou a Rua do Ouvidor; mas não deixa de ser também uma auto-ironia, pois a “verdadeira digestão literária”, desta vez, foi menos digestiva, porquanto a presença inusitada de Alcibiades, um morto de tantos séculos, produz uma reviravolta e insere o narrador num mundo em que o fantástico coexiste no cotidiano: “Nutri ainda a esperança de que tudo aquilo não fosse mais do que o efeito de uma digestão mal rematada, um simples eflúvio do quilo, através da luneta de Plutarco” (ASSIS, 1989, p. 164-5).

Assim, logo em seguida, passa a desenvolver-se a aventura extraordinária. Entretanto, do ponto de vista da ficção, considerando-se o estatuto da ficcionalidade, a idéia de um Alcibiades redivivo é perfeitamente aceitável. Essa personagem vive na ficção novamente e com as mesmas idiosincrasias, como vivera e vive na obra de Plutarco.

O narrador machadiano mostra ainda uma outra faceta do caráter da personagem: “Era ele, não havia duvidar que era ele mesmo, um morto de vinte séculos, restituído à vida, tão cabalmente como se viesse de cortar a cauda do cão” (ASSIS, 1989, p. 165).

A característica peculiar do Alcibiades, de Plutarco, é o seu empenho em ser *étonnant*, provocar um estranhamento, impressionar. Cometia atos estranhos com essa finalidade. Um deles foi adquirir um cão magnífico, de tamanho descomunal e que custara muito caro, e depois cortar-lhe a cauda, que era seu mais belo ornamento. Quando foi censurado por tal ato, respondeu leviana e insolentemente que o fizera para que os atenienses seguissem cacarejando sobre o fato e nada de pior dissessem dele (PLUTARCO, s. d., p. 322). Ora, ao ler o texto de Plutarco, o aparecimento ou encarnação da personagem rediviva no conto de Machado parece possível, quase como se fosse mais uma traquinagem do famoso ateniense o aparecer em pessoa vinte séculos depois.

Um outro momento em que o autor desenvolve a personalidade de Alcibiades, acentuando o seu caráter sedutor, elegante e contagiante, é no momento em que refere o diálogo ocorrido entre o narrador do conto e a personagem sobre a situação pós-morte. Vindo de além túmulo, Alcibiades explica que lá os espíritos congregam-se em torno de categorias de índole, costume e profissão e que ele estaria no grupo dos políticos elegantes e namorados, entre os quais estaria Garrett, o qual, sabe-se, primava pela elegância.

Mas o caráter de Alcibiades é múltiplo e um outro traço manifesta-se quando o narrador o situa em relação aos fatos políticos em Atenas. Em resumo, conforme a narrativa machadiana, dois estadistas atenienses, Bulgaris e Comondouros, valendo-se de um método alternativo também usado por Gladstone e Disraeli, “a golpes de discurso”, revezavam-se no poder. Alcibiades exultou, aprovando entusiasticamente a atitude dos atenienses. O narrador não deixa de referir que Alcibiades tinha sido um grande orador, aspecto que também é evidenciado no texto de Plutarco. Essa exultação de Alcibiades revela um importante traço de seu caráter, que é o gosto das aparências, o amor pelo poder e a facilidade retórica.

Em seguida vêem-se mais algumas faces da personagem, segundo conta o narrador machadiano:

Já disse que Alcibiades escutava-me com avidez; acrescentarei que era esperto e arguto; entendia as cousas sem largo dispêndio de palavras. Era também sarcástico; pelo menos assim me pareceu em um ou dois pontos da nossa conversação; mas no geral dela mostrava-se simples, atento, correto sensível e digno. E gamenho, note V. Ex<sup>a</sup>, tão gamenho como outrora; olhava de soslaio para o espelho, como fazem as nossas e outras damas deste século, mirava os borzeguins, compunha o manto, não saía de certas atitudes esculturais (ASSIS, 1989, p. 166).

Toda essa descrição para reinventar esse Alcibiades multiforme, que era assaz inteligente, esperto, ao mesmo tempo sarcástico, sensível, simples e sobretudo efeminado e elegante. Um esplêndido retrato.

Mas o retrato ainda não está completo. Falta dizer algo sobre a presunção, o orgulho que ajudavam a moldá-lo. Quando o narrador refere que os deuses e todo o Olimpo ficaram reduzidos a uma simbólica, informa que “O homem de Plutarco levantou-se, andou um pouco, contendo a indignação, como se dissesse consigo, imitando o outro: - Ah! Se lá estou eu com os meus atenienses!” (ASSIS, 1989, p. 167). Vale notar também que o narrador, aqui, faz referência a três Alcibiades: a personagem rediviva do conto, o homem de Plutarco, e a pessoa real, histórica, que conduziu batalhas, era sobrinho de Péricles.

A questão das divindades, entretanto, merece maiores considerações. No conto, o narrador faz apenas uma alusão irônica ao fato: “Lembrou-me então que ele fora uma vez acusado de desacato aos deuses e perguntei a mim mesmo donde vinha aquela indignação

póstuma e naturalmente postiça” (ASSIS, 1989, p. 167). Esclarecendo um pouco mais o contexto a que se refere a alusão, no intuito de ampliar o horizonte interpretativo acerca da personagem, constata-se que a acusação de desacato aos deuses, sofrida por ele e cujo desenlace culminou com sua condenação à morte pelos atenienses foi um dos episódios significativos na vida de Alcibiades, causa de um revés. Conforme Plutarco, a conquista da Sicília era um anseio dos atenienses desde longa data. Alcibiades investiu todos os esforços para empreender a jornada, mas havia muitos opositores a essa empresa. Sócrates, avisado por seu demônio familiar, e o astrólogo Meton jamais auguraram nada de bom a essa expedição. Quando finalmente deveriam partir, revelaram-se vários sinais de maus presságios. Um deles, as imagens de Mercúrio, que eram colocadas nas encruzilhadas, apareceram todas mutiladas e estragadas, principalmente no rosto. Isso causou comoção e perplexidade. Alcibiades foi acusado de ter praticado esses atos, além de ter contrafeito satiricamente em um banquete privado as cerimônias dos santos mistérios. Foi acusado então, de profanar os mistérios de Elêusis, vestindo-se de hierofante, juntamente com outros seus familiares. Essas acusações foram tomando grandes e graves proporções e Alcibiades, que já havia partido como um dos chefes da expedição a Siracusa, foi chamado de volta para responder por tais atos. Acabou sendo condenado à morte. Por causa dessa condenação, pediu aos lacedemônios, em Esparta, salvo-conduto e liberdade para residir entre eles.

Assim, voltando ao conto machadiano, a seleção do episódio pelo autor indica que pretende mostrar a faceta da hipocrisia e da dissimulação, também componentes do caráter retratado. O narrador faz notar que uma preocupação semelhante só pode ser obra de um refinado hipócrita, um ilustre dissimulado, uma vez que em vida tivera nenhuma reverência para com os deuses e os mistérios que eles encarnavam.

Depois o narrador utiliza as palavras o mais gentil, o mais feiticeiro dos atenienses, quando tenta dissuadi-lo de ir ao baile. Mais uma vez, a característica de sedutor, que implica também o bajulador e o encantador, é acentuada.

Quando Alcibiades aceita que deve ir com as roupas do século, mostra de novo o seu lado camaleônico e adaptativo. Afinal, acha que pode sentir-se à vontade até mesmo em trajes usados vinte séculos depois de sua própria morte. Ao elogiar a sua elegância inata, o narrador

comunica que, decerto, Alcibiades sentiu-se lisonjeado, visto que sorriu. No quarto, novamente se revela o traço de caráter da personagem que diz respeito ao seu gosto elegante e sofisticado, à presença de uma certa languidez, que se mostra ao elogiar quadros, espelho e divã, onde sentara-se molemente.

Os sustos de Alcibiades e a sua morte decorrente são um contraponto em relação ao narrador, uma vez que contrasta com sua figura pacata, apagada, vestida de preto, sem grandes emoções, nem grandes projetos. Surge assim, ao final do conto, essa temática que mostra duas sensibilidades diferentes, em épocas também distintas: a melancolia e a alegria, a misantropia e a socialidade, a discrição e a exuberância. São duas sensibilidades construídas, reveladas pela artimanha da narrativa ficcional. Há portanto uma contraposição de caracteres, uma espécie de vidas paralelas, à semelhança do que faz Plutarco.

Do narrador podem-se abstrair algumas características tais como: metódico, leitor assíduo, cultor dos clássicos, bem informado acerca dos principais acontecimentos de ordem política e social, um tanto absenteísta, uma vez que não dá pistas em termos de ter alguma posição definida acerca dos fatos que menciona; ocioso, solitário, niilista em termos de valores; adota o espiritismo apenas por ser entre as religiões, a mais recreativa. Mas, principalmente, é um homem elegante à moda do século. Em casa, veste-se de branco, depois, para o baile, veste preto, gravata branca, colete, sapatos de verniz, chapéu. Pertence à escala social superior, visto ser desembargador. Evidencia-se no conto uma espécie de comparação entre o narrador e Alcibiades, duas elegâncias comparadas.

Mas Plutarco, no momento em que compara as vidas dos homens ilustres que narra, distingue-os em termos psicológicos e éticos. No caso de Alcibiades e Coriolano, aponta alguns fatos que podem ser comparados. Também o último teve poder, foi estadista, chefou batalhas, foi condenado à morte por seus compatriotas e teve que aliar-se a outras nações e voltar-se contra o próprio país. O caráter de ambos é que era diferente, e contrário, pois o último era sério, não sabia conquistar o coração das pessoas, não aceitava dinheiro e tampouco se corrompia por ele. Era impedido por altivez e orgulho, de agradar as pessoas que o podiam honrar. Enquanto Alcibiades sabia tornar-se agradável e benquisto entre as pessoas com quem vivia. Ambos recebem elogios e reproches de Plutarco. Machado de Assis, de certo modo, faz

uma comparação entre dois caracteres, entre duas épocas, não os julga abertamente, acentua as diferenças e mantém sempre o tom humorístico. Mesmo assim, depreende-se que a figura de Alcibiades é muito maior, e continua a seduzir os pósteros.

Dentro da perspectiva pareysoniana, essa interpretação do conto “Uma visita de Alcibiades” é uma entre outras possíveis em relação a uma obra que, ela sim, permanece única. Tem outrossim o propósito de reatualização da mesma. Observa-se também que esse conto é pouco estudado dentro da fortuna crítica do autor, mas trata-se de um poderoso retrato tirado a partir das linhas nebulosas da história. No conjunto da ficção machadiana, é representativo de uma das maiores inclinações do autor em toda a sua obra, que é o estudo de caracteres, a construção de retratos, vislumbrados em ilustres personagens tais como: Bentinho, Capitu, Rubião, Quincas Borba, Flora, D. Camila, entre tantas outras. Consta-se que nesses retratos estão encarnadas certas idéias abstratas. Eles funcionam como uma espécie de metáfora, seja do ciúme, da dissimulação, da loucura, da dúvida, do desejo de juventude.

Alcibiades, na interpretação machadiana, pode ser visto como a metáfora de um caráter complexo, um homem completo, grandioso, alegre, com qualidades e defeitos de caráter, com muitas contradições: um homem da Antigüidade. Enquanto o narrador representa a Modernidade, acanhada e melancólica nas suas manifestações monocromáticas e sóbrias em termos de moda, na sua evidente predileção pelo privado e o discreto. Um homem que sonha mais do que age, pois é através da leitura que ele vive as vicissitudes da era e da personagem gregas.

Esse texto busca uma aproximação com o universo da ficção machadiana, enfocando um dos contos produzidos na época da maturidade do autor. Ao invés de tentar identificar na obra algum tema ou aspecto proposto a partir da exterioridade, opta-se pelo processo interpretativo. Consta-se que o Alcibiades de Machado é uma interpretação daquele de Plutarco, que há uma certa semelhança entre ambas as biografias; já, em relação à visão do mundo veiculada pelos dois textos, pode-se concluir que há sim uma influência de Plutarco no texto de Machado, mas não se trata de uma idêntica visão do mundo. Enquanto Plutarco, ligado aos pressupostos platônicos e estoicos, possui um tom sério ao construir a sua personagem, Machado de Assis assume uma perspectiva irônica, humorística ou cética. Pode ser consi-

derado cético porque preserva dessa corrente de pensamento a ausência de dogmatismos ou verdades, e privilegia a investigação e a análise de caracteres. E, não tendo como consertar nem o caráter, nem o mundo, opta pelo humor. Por isso a narrativa transcorre em tom jocoso, de leveza e humor, quase se o denominaria de leviano. Afinal, tanto a invocação, quanto a morte da personagem ocorrem por motivos aparentemente fúteis. E o contexto todo é de natureza risível. É assim que há os canudos pretos, o susto com a gravata vem permeado de risos, propõe o visitante ir dançar a pírrica e a própria escolha de uma personagem como Alcibiades, concorrem para a delimitação de um tom humorístico e leve.

Mas, poder-se-ia também considerar que o conto encerra uma profunda ironia e que esse humor e leveza são apenas aparência, porquanto, em essência, o texto trata do relativismo e da melancolia moderna, enquanto conformadora de uma mentalidade, de um espaço, de uma época. A tensão entre a melancolia e a leviandade é uma tensão que o grego não suporta, por isso morre. São leituras possíveis, que não se contradizem e sim ampliam as possibilidades de sentido do texto.

#### ABSTRACT

The text presents an interpretation of the story "A visit of Alcibiades," by Machado de Assis. Considering that the biography of Alcibiades, elaborated by Plutarco is the source of inspiration for the brazilian author, intends to establish the relations between the texts and the vision of the world that they present. The two authors are classified as portraitists in the context of the western culture, therefore, the study contemplates some relevant aspects that characterize this activity. It tries to show that the story is an interesting portrait of the greek Alcibiades and is representative of one of the major tendencies of the 'machadiana' aesthetic that is the study of characters. It evidences, also, that the text of Machado constitutes an interpretation of that of Plutarco, which is also an interpretation. And the central theme of both portraits is the seduction performed by the character, considering the different implications that similar character has of the ethical point of view.

KEY-WORDS: interpretation – portrait – aesthetic

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. M. Machado de. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.
- BOSI, Alfredo.[et al.]. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- CECHIM, Antônio Carlos et. al. (org.) *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.
- FAORO, Raimundo. *A pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PLUTARCO. *Vidas dos Hom*